

Suicídio, a terrível rotina dos guaranis

DOURADOS, MS — “Um dia ainda vou me matar”. Essa afirmação é comum entre os habitantes da reserva indígena de Dourados, onde vivem quase oito mil índios, 5.100 dos quais são das nações guaranis/kaio-was. Muitos dos que fazem tal promessa até marcaram a data: depois do Carnaval.

Segundo o índio guarani Teodoro Rodrigues, que trabalha no Posto da Funai, não há razão para se preocupar com isso:

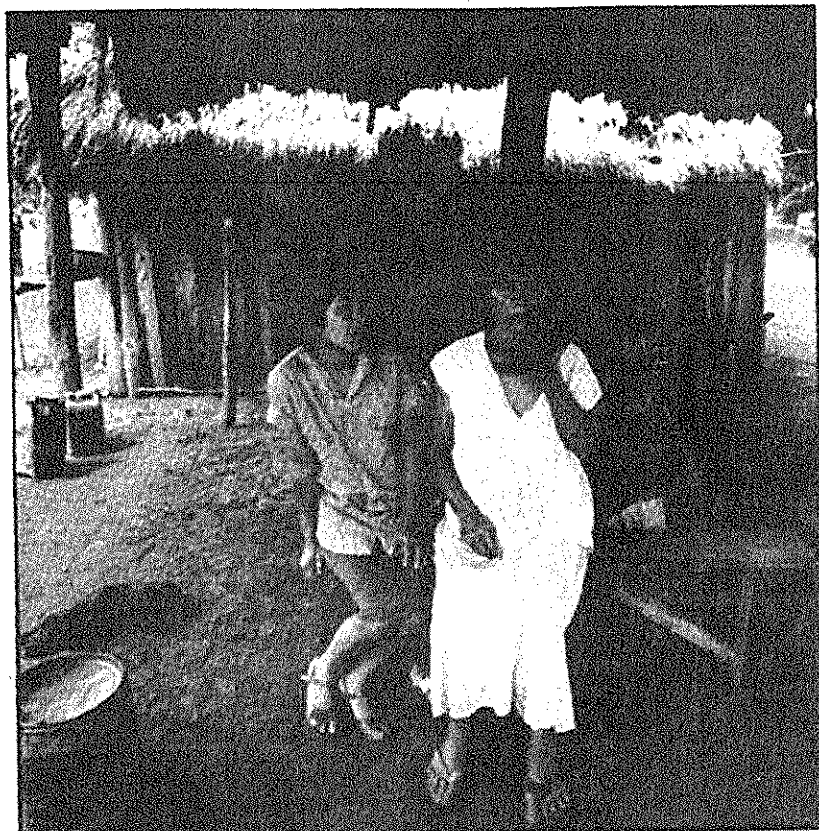
— Como atendente aqui ouço de tudo e acredito em quase em nada. Aqui tem fantasma de índio que mata índio, tem feitiçaria, tem umbanda, queimbanda, evangélicos. Tem até uma mistificação total em torno da reza indígena “nhengarai”.

“Nhengarai”, no dialeto tupi-guarani, quer dizer maldição em português. Para os adolescentes indígenas que tentaram o suicídio dentro da Reserva, é uma velha feiticeira desdentada, que hipnotiza a garotada da aldeia, carrega cada um deles, mesmo à força, no meio do mato, onde se matam em série.

Essa palavra indígena quer dizer também o Cântico da Morte, entre os velhos guaranis/kaio-was, que afirmam ser esta a explicação correta de “Nhengarai”. Para eles, o monstro mais terrível da aldeia tem outro nome e é bem conhecido dos homens brancos: chama-se cachaça, mais conhecida entre os índios por “manguaça”.

— Ela é terrível e implacável — disse o pajé Ireneo Isnarde, com mais de 100 anos de idade, nascido e criado na aldeia de Dourados. Nem mesmo a “iaporarrei” (oração do bem) faz milagre nos casos de alcoolismo.

— Não adianta rezar — comenta o velho feticheiro. — Meninos, meninas, moças e rapazes



A índia Rosinha, que tentou se enforcar, e a sua mãe Maria Espindola

tomam até cair. Depois, vão para o mato se enforcar.

A índia kaiowa Maria Espindola, no dia 30 último, teve a desagradável surpresa de ver sua filha Rosinha Espindola, 14 anos, pendurada em uma corda no galho da árvore mais alta do quintal onde mora.

— Não sei por que ela fez isso.

A sorte foi que Ruza e Irene, filhas mais velhas de Maria, chegaram a tempo de salvar Rosinha, cortando a corda com um facão. Rosinha, que parece ter 10 anos de idade por causa de seu corpo franzino, disse apenas que

estava muito triste e resolvera pôr fim à vida. Mas seu irmão Ranulfo, um índio de 29 anos, deu outra explicação:

— Ela foi vítima da feira.

Feira são as “curras” que acontecem dentro das aldeias e nos canaviais, onde as mulheres são bóias-frias. Grupos de 10 a 15 índios atacam uma ou duas mulheres, obrigando-as a satisfazer seus desejos sexuais.

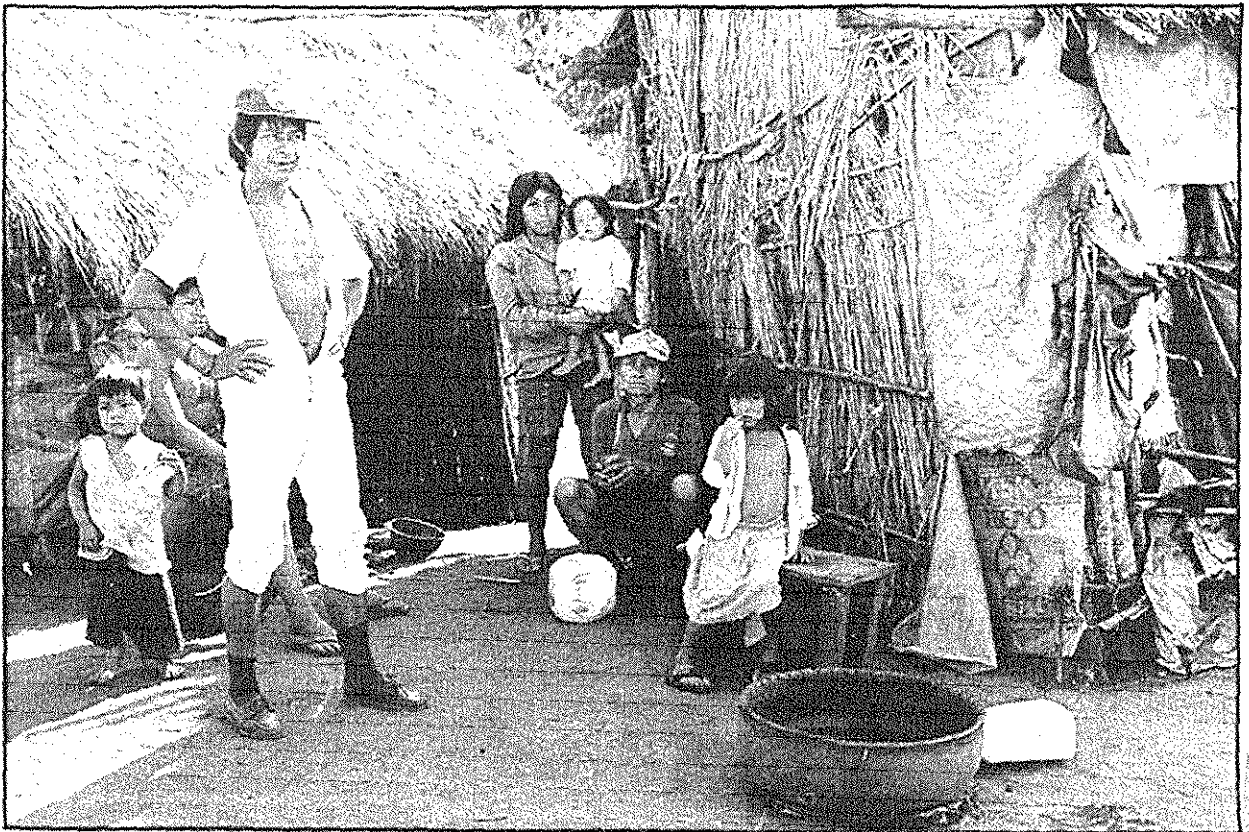
— A Rosinha — afirmou Ranulfo — namorava o Nelson, outro menor alcoólatra. O Nelson, sabendo o que acontecera na feira, desistiu do namoro.



O Globo

13/11/81

Fotos de José Carlos Moreira



Na reserva de Dourados, as famílias dos guaranis/kaiowas vivem na miséria, em casas precariamente construídas

Na reserva, os índios abandonam sua cultura

DOURADOS, MS — Guilherme Ortiz, 22 anos, foi um dos índios salvo da força. Como os demais que estão na mesma situação, não fala e não ouve quando alguém quer saber o motivo de seu gesto. Para o professor João Machado, primo de terceiro grau de Guilherme, a tentativa de suicídio vinha sendo planejada há muito tempo e acabou se concretizando.

— Ele sempre falava que queria morrer, porque não conseguia entender o mundo, as pessoas. Estava confuso.

João Machado acredita que a cidade de Dourados está engolindo a aldeia. E esclareceu:

— Estamos colados ao perímetro urbano. A influência da cidade é muito grande sobre os índios, principalmente nos costumes. Essa aproximação levou o índio a um caminho sem volta: ou ele se submete a um aculturamento ou se mata. Não

pode mais voltar a ser um autêntico índio.

Ailton de Oliveira, o Cacique Biguá, índio guarani de físico atlético, vê a situação de forma diferente:

— É uma salada de desgraças que pouca gente aguenta. Temos miséria, ignorância, superstição, violência sexual, superlotação da reserva e, principalmente, a exploração dos brancos. Somando tudo isso, somente os mais fortes sobrevivem.

Biguá conta com 70 soldados índios policiando a aldeia. Tem até uma cela onde são trancafiados os mais desordeiros, bem atrás da casa que habita no posto indígena. Nada disso, porém, impede as bebedeiras e a entrada clandestina de cachaça na aldeia.

A mesma situação ocorre do lado Kaiowa. Ali, o cacique Carlitos de Oliveira faz tudo para manter a ordem. Carlitos confir-

ma o rigor contra as infrações dos índios, dando orientações para que seus soldados sejam enérgicos. Esses soldados, de um modo geral, são homens armados apenas de porretes e facões.

Quem estiver perambulando pela aldeia altas horas da noite tem que ter um bom motivo. Caso contrário, vai para a cadeia e lá ficará até que o cacique resolve soltá-lo. Os únicos que não precisam dar explicações são os evangélicos, cuja a Bíblia que carregam é um ótimo documento. Eles reúnem-se duas vezes por semana nas dez igrejas evangélicas que existem dentro da Reserva. Ali, entoam hinos, fazem orações frenéticas, gritam e, no final, colocam dinheiro em uma sacolinha que passa entre os bancos nas mãos de um auxiliar, atendendo ao apelo do pastor: "sem a ajuda financeira dos irmãos a obra de Deus vai perecer".